

Florence Nightingale



Uma condensação do livro de
CECIL WOODHAM-SMITH

NESTE LIVRO, «obra de resplendente vitalidade e interêsse, que por certo entrará para o rol das grandes biografias da nossa época», escreveu Marcia Davenport no *Herald Tribune*, de Nova York, «Florence Nightingale, surge como uma mulher de personalidade infinitamente complexa: apaixonada, possuída por verdadeira obsessão, egocêntrica, inspirada até o fanatismo—uma linda mulher, de extraordinária capacidade realizadora.» A crônica dos seus 90 anos de vida tumultuosa—o salvamento de milhares de vidas na Guerra da Criméia, a reabilitação das enfermeiras de hospital—constitui leitura empolgante e inolvidável.

«*Florence Nightingale*», copyright, 1951, de Cecil Woodham-Smith. Editado por McGraw-Hill Book Co., Inc., 330 W. 42 St., Nova York 18, N. Y. Uma edição juvenil de «*Florence Nightingale*», sob o título de «*Lonely Crusader*», será também em breve publicada por McGraw-Hill.

FLORENCE NIGHTINGALE



ERA NOVIDADE, naquele tempo, dar a uma menina o nome de Florence. Mas as novidades estavam em moda no ano de 1820. Assim, ao nascer em Florença, na Itália, a segunda filha de Fanny e William Nightingale, que andavam viajando pela Europa desde o seu casamento, em 1818, a mãe resolveu dar à criança o nome inglês da cidade onde nascera. Cinquenta anos depois, milhares de bebês no mundo inteiro iriam chamar-se Florence em sua homenagem.

Apesar de simpáticos e inteligentes, não formavam os Nightingales um casal harmonioso. Fanny era extremamente bela, pródiga, extravagante, exímia na arte de receber e sequiosa de prestígio social. Já William Edward Nightingale, ou W. E. N., como sempre o chamavam, era rico, indolente, encantador e amante dos livros.

Quando Florence completou um ano de idade, os Nightingales, de volta à Inglaterra, construíram, em Derbyshire, uma casa de campo denominada Lea Hurst. Adquiriram uma segunda habitação, muito mais

ampla, em Hampshire, pois Fanny não tardou em achar Lea Hurst acanhada demais para as suas recepções. Durante um jantar de cerimônia, vinte anos depois, Florence Nightingale afirmou que Lea Hurst não passava de um chalèzinho.

—Basta dizer que tem apenas 15 quartos, argumentou.

A infância de Florence transcorreu em meio a jardins onde brincar, pôneis para montar e uma série de cachorros, gatos e passarinhos para cuidar. E contudo ela não se sentia feliz. Era extravagante, exaltada, teimosa e insatisfeita. Já aos seis anos revelava aversão pela existência opulenta e amena que levava.

Florence adorava o pai. Achava Fanny, entretanto, pouco afetiva, e exasperava-se com o temperamento descuidado de sua irmã mais velha, Parthenope. «Eu ansiava por uma ocupação regular», escreveu ela, «por algo de útil que me absorvesse o tempo até então desperdiçado em frioleiras».

A atmosfera em que Florence se criou era uma estufa de emoção. A moda literária do romantismo havia

avassalado a Europa, levando espô-sas e mães comuns a imitar as heroínas de Byron. A notícia da morte de um velho primo distante ou um desentendimento entre amigos exigiam o emprêgo de sais aromáticos num ambiente de penumbra. As mulheres orgulhavam-se da sua hipersensibilidade e a «fragilidade» era universal. Fanny, Florence e Parthe passavam por ter saúde delicada, embora devessem atingir, respectivamente, as idades de 92, 90 e 75 anos.

Florence conservou, da meninice à idade avançada, o hábito de escrever o que chamava de «notas particulares», nas quais extravasava a sua vida íntima e os seus sentimentos. Registrava-os no que encontrava ao alcance da mão, fôsem as costas de um calendário ou as margens de uma carta. E como guardasse zelosamente tudo aquilo que rabiscava, o resultado é que existe hoje um grande número d'esses documentos íntimos. Quando tinha 16 anos de idade, escreveu: «No dia 7 de fevereiro de 1837, Deus falou comigo e chamou-me para o Seu serviço.»

Tinha ouvido, como Joana d'Arc, uma voz do exterior. Mas não sabia que forma deveria assumir o serviço reclamado. Ainda não lhe havia ocorrido a idéia de dedicar-se à enfermagem.

¶ Nos dois anos seguintes, as irmãs percorreram demoradamente a Europa e foram, por fim, apresentadas à sociedade londrina. Era uma época

bastante alegre, e Florence tornou-se muito popular. Graças à sua paixão pela dança, via-se assediada por um número tão grande de rapazes que chegava a sentir-se confusa. Mas também atraiu amigos ilustres. O sucesso de Florence prenunciava o futuro que Fanny planejara para a filha.

Mas Florence tinha a consciência perturbada. Por que razão Deus não lhe havia falado novamente? A resposta parecia evidente: ela não era digna. Amava demasiadamente o prazer; teria de aprender a voltar-lhe as costas. Numa de suas notas particulares, escreveu ela que para tornar-se digna de formar entre as servas de Deus precisaria antes de mais nada sufocar o «desejo de brilhar na sociedade».

No início de 1842, Florence conheceu um homem que havia de tornar-se um dos seus pretendentes mais devotados e tentadores—Richard Monckton Milnes. Tinha êle então 33 anos de idade, havia alcançado brilhante sucesso na sociedade londrina, tinha à sua frente uma bela carreira política e mostrava-se interessado por obras filantrópicas. Richard enamorou-se de Florence.

Mas Florence já havia dado o primeiro passo para a realização do seu destino. Tinha adquirido consciência do mundo de miséria, sofrimento e desespêro que prevaleciam fora do seu próprio mundo confortável. Em visita às cabanas dos tecelões, no povoado contíguo a Lea Hurst, pudera ver com os próprios olhos os males

do industrialismo do século XIX— a embriaguez, a promiscuidade, a brutalidade. Êsses horrores assediavam-lhe o espírito. Começou a passar a maior parte do dia nos casebres e a importunar a mãe constantemente para ver se conseguia dela a compra de remédios, alimento, leitos e roupas para os doentes e necessitados.

Em junho de 1844, o Dr. Samuel Gridley Howe, filantropo norte-americano, fêz uma visita aos Nightingales.

Conseguindo conversar em particular com o Dr. Howe, Florence foi diretamente ao âmago da questão:

—Dr. Howe, o senhor acha que não ficaria bem uma jovem inglesa dedicar-se a trabalhos de caridade nos hospitais, como fazem as irmãs católicas?

O filantropo deu-lhe uma resposta sincera:

—Minha cara Srta. Florence, confesso que seria uma decisão fora do comum, e na Inglaterra tudo que foge ao normal é considerado impróprio. Aconselho-a, no entanto, a prosseguir, caso sinta real vocação nessa espécie de atividade. E que Deus a acompanhe.

Mais de um ano decorreu, porém, sem que Florence pudesse pronunciar a terrível palavra «hospital» diante da família. Não lhe foi possível imaginar nenhum plano capaz de arrancar-lhes o consentimento desejado. Mas ainda assim, conseguiu desdobrar-se na assistência dispensada aos aldeões doentes.

E isso levou-a um passo à frente em direção ao seu objetivo, pois logo verificou ser-lhe indispensável adquirir prática de enfermagem— descoberta que a deixou inteiramente aturdida. Nem ela nem pessoa alguma de suas relações havia jamais aprendido a arte de cuidar dos doentes. Até então, tinha-se como ponto pacífico que o único requisito exigido para o desempenho da função de enfermeira era a condição de mulher. A própria Florence julgara que para aliviar o sofrimento do próximo bastavam a ternura, a simpatia e a paciência. Mas agora a sua curta experiência lhe mostrava que só os conhecimentos especializados poderiam trazer o alívio. Cumprira-lhe tomar um curso de enfermagem.

Ao comunicar à família, entretanto, a sua intenção de passar três meses na Enfermaria Salisbury, a apenas alguns quilômetros de sua residência, desencadeou-se uma verdadeira tempestade. «Mãe ficou aterrada», escreveu ela, e acusou-a de alimentar uma paixão secreta por algum «cirurgião insignificante e vulgar». Parthe foi acometida de ataques histéricos. W.E.N., grandemente decepcionado, partiu para Londres prevendo o pior dos futuros para uma raça posta à mercê da moça moderna.

NÃO ADMIRA que os Nightingales ficassem horrorizados. Os hospitais eram, em 1845, lugares de miséria, degradação e sordidez. O «cheiro de hospital», resultante da imundí-

cie e da falta de higiene, era aceito como coisa inevitável e, por sua intensidade, chegava a causar náuseas a quem entrasse pela primeira vez nas enfermarias. Os leitos infectos enfileiravam-se encostados uns aos outros. «Era comum dar a um doente a mesma roupa da cama utilizada pelo ocupante anterior», escreveu Florence.

Mas a objeção mais forte ao plano da moça decorria da notória imoralidade das enfermeiras de hospital, que não raro levavam uma vida de embriaguez e licenciosidade. Não se sabia de nenhuma mulher respeitável que trabalhasse num hospital. Florence, porém, tinha certeza de que, com firmeza de ânimo, acabaria tornando-se enfermeira. Começou a estudar relatórios sôbre hospitais e saúde pública.

Trabalhando secretamente, levantava-se de madrugada e, envôlta num xale, escrevia à luz de uma vela. Conseguiu encher, dêsse modo, vários cadernos com uma grande massa de fatos devidamente relacionados em índices e tabulados. Também enviou cartas particulares a Paris, solicitando o fornecimento de relatórios e procurou obter informações dos hospitais de Berlim. Nas frias e escuras madrugadas, lançava as bases daquele profundo conhecimento das condições sanitárias, que havia de torná-la a primeira autoridade no assunto em tôda a Europa. E quando soava a sinêta do café, Florence descia para a sala e reassumia a sua condição de filha dos Nightingales.

E assim os meses se foram sucedendo, aparentemente sem qualquer progresso ou acontecimento, mas uma profunda transformação se processava no caráter de Florence. «Sinto», escreveu ela em 1846, «como se todo o meu ser se estivesse condensando em tórno de um ponto». Concluiu que a sua ânsia de afeição era poderosa demais para a sua segurança, e começou resolutamente a afastar-se de quaisquer relações com os outros sêres humanos. Era preciso renunciar ao amor, ao casamento e à própria amizade.

Mas o desejo de ser amada custou a morrer. Florence não conseguia expulsar do coração os seus anseios nem aceitar a idéia de perder Richard Milnes, que continuava atencioso como sempre. Ela contempORIZOU durante meses seguidos, protelando a hora de dar-lhe uma resposta definitiva. Fanny passou da impaciência à cólera, acusando a filha de ingratidão e convencimento.

As horas matinais de labor secreto constituíam um grande esforço físico, e a sua vida reprimida em público trazia-a em estado de permanente irritação. Florence tornou-se magra, dormia mal e, às vêzes, caía em estados de abstração até mesmo no decorrer de um jantar de cerimônia. No outono de 1847, Florence foi prêsa de forte abatimento, só se restabelecendo depois que alguns amigos persuadiram Fanny a permitir que a filha os acompanhasse a Roma.

Foi lá que Florence conheceu Sidney Herbert, com o qual iniciou

uma amizade estranha e predestinada. Cada um dos dois deveria exercer extraordinária influência na obra e na carreira do outro. Por intermédio de Herbert e de sua simpática espôsa Liz, já então de volta à Inglaterra, Florence ingressou num círculo de pessoas de grande prestígio, inteligentes, socialmente impecáveis e que revelavam profundo interesse pela reforma do sistema hospitalar. A opinião pública despertava, o grupo dos Herberts mostrava-se ávido de material informativo e Florence estava em condições de fornecer-lho em profusão inesgotável.

Mas a vida no lar continuava a apresentar as mesmas frustrações. A férrea disciplina de trabalho a que se submetia, através das longas horas de concentração nas madrugadas escuras e frias, tornava-se cada vez mais difícil. Por volta de 1849, a sua saúde novamente se abalou. E nesse estado de prostração física, eis que um segundo golpe veio atingi-la. Richard Monckton Milnes não estava disposto a tolerar maiores delongas. Queria uma resposta definitiva. Florence ia casar com êle ou não? Ela recusou-o.

Foi uma decisão que exigiu coragem extraordinária. Florence sentia profunda ternura pelo rapaz, chamava-lhe «o homem que eu adorava», e renunciou ao seu amor em nome de um destino que talvez nunca lograsse realizar. O futuro nunca se lhe afigurara mais sombrio do que então. «Não compreendo o que se

passa comigo», escreveu ela com um lápis que tremia, indeciso, e fazia sulcos no papel. «Sei apenas que não deixo de pensar nêle desde o dia em que o recusei, e que a vida se me tornou desolada sem a sua simpatia.» No entanto, por mais que anelasse por êle, manteve-se firme em sua resolução.

Fanny ficou furiosamente ressentida e dispôs-se a impedir que a ingrata Florence continuasse obedecendo aos ditames do seu próprio arbítrio. E o que principiara como genuína solicitude maternal pela felicidade da filha transformou-se num embate de vontades em que o amor e a bondade foram postos de lado.

A oposição de Parthe foi ainda mais implacável. Menos atraente e menos admirada que Florence, arrogou-se o papel de irmã desvelada e indispensável. Parthe exigiu que Florence abandonasse as suas atividades na aldeia, onde tinha inaugurado uma Escola para Moças, e consagrasse todo o seu tempo aos afazeres do lar. Ante a recusa da irmã, entregou-se a cenas de histerismo. Fanny e W.E.N. acusaram Florence de crueldade e exigiram que se dedicasse de corpo e alma a Parthe durante os seis meses seguintes. Florence concordou, se bem que, mais tarde, considerasse aquilo um «ato de loucura».

Naquele verão, entretanto, a sua atitude começou a mudar. O absurdo daquela escravização de seis meses a Parthe e o estímulo recebido dos Herberts obrigaram-na a abrir

os olhos. Seu sentimento de culpa diminuiu e, finalmente, começou a olhar-se como vítima, não como criminosa, e compreendeu que devia agir.

Em junho, providenciou a sua partida para Kaiserswerth, na Alemanha, a fim de freqüentar um curso de especialização no Instituto das Diaconisas.

Tinha havido sensível mudança de opinião desde que ela tentara matricular-se na Enfermaria de Salisbury, seis anos antes. Os hospitais eram alvo de tôdas as atenções, e Fanny já não poderia afirmar que um plano aprovado pelos Herberts fôsse vergonhoso. Parthe teve transportes de fúria, numa sucessão de cenas que atingiram o seu ponto culminante na véspera da partida de Florence. Esta escreveu mais tarde que «minha irmã atirou-me ao rosto as pulseiras que eu lhe dera. A cena que se seguiu foi tão violenta que cheguei a desmaiar.»

EM KAISERSWERTH, Florence sentiu-se completamente feliz. «Nunca encontrei padrão mais elevado ou dedicação mais pura.» Observou, com alegria, que Kaiserswerth não possuía aquêle «nauseabundo cheiro de hospital» considerado inevitável na Inglaterra, e que nenhuma irmã era «chamada a dispensar qualquer espécie de tratamento a um doente do sexo masculino que uma dama não estivesse em condições de prestar ao seu próprio irmão.»

Florence voltou de Kaiserswerth

com a cabeça fervilhando de planos. Ardia no desejo de adestrar-se sèriamente, desta vez num dos grandes hospitais de Londres. Mas quando os Nightingales se transferiram para a capital, como faziam anualmente durante a temporada social, as restrições que lhe foram impostas atingiram as raias do absurdo. Ela era uma mulher de mais de trinta anos, que contava entre suas amizades as figuras ilustres de Elizabeth Barret Browning, George Eliot e Lorde Palmerston, mas ainda assim tratavam-na como a uma colegial, controlando-lhe os passos e lendo-lhe a correspondência.

Seus amigos ficaram alarmados. Fanny tratava a filha mais moça de um modo que começava a afigurar-se doentio. Seria justo arruinar-se a vida de Florence e malbaratar-se o seu admirável pendor só porque Fanny era portadora de uma obsessão?

Parthe piorava a olhos vistos. Repetiam-se quase diàriamente as cenas de reprovação violenta à conduta da irmã e os ataques histéricos durante os quais insultava Florence, aos gritos, até cair desacordada. Finalmente, resolveram levá-la ao facultativo da família, que encontrou nela sintomas de esgotamento mental. O médico declarou a Florence que a única esperança que havia para o restabelecimento de Parthe seria esta aprender a não depender mais da irmã.

Removido, assim, o fardo da sua responsabilidade para com Parthe,

de que resultou partir-se a última corrente que a prendia, Florence começou paulatinamente a desligar-se do lar.

SEU PRIMEIRO PASSO foi uma viagem de um mês a Paris, onde visitou hospitais, presenciou exames médicos e assistiu a operações. Preparou, então, quadros bem estudados em que comparava a organização de diferentes hospitais da França, Alemanha e Inglaterra. Durante oito anos haviam feito tudo para afastá-la dos hospitais, mas agora sentia-se tão à vontade num desses estabelecimentos como se houvesse passado nêles a vida inteira.

Em abril de 1853, uma instituição destinada a senhoras doentes em situação difícil, descrita por Florence Nightingale como um «sanatório para governantas enfêrmas, dirigido por uma comissão de aristocráticas damas», andava à procura de uma superintendente. Liz Herbert sugeriu o nome de Florence.

Os entendimentos com o comitê foram difíceis. Não era estranho que uma jovem da sociedade aspirasse a um lugar daqueles? Poderia uma dama receber ordens, ainda que emanadas de uma comissão de outras damas? Deveria uma dama, mesmo naqueles dias de estranha mistura de classes, cuidar de outra mulher de nível social inferior ao seu? Ficaria bem para uma dama assistir a exames médicos e, pior ainda, a operações? Apesar de tôdas as objeções, entretanto, o comitê

findou por aceitá-la. Além de não receber qualquer espécie de remuneração, Florence ficava obrigada a trazer consigo, às suas próprias custas, na qualidade de Matrona, «uma pessoa de caráter superior, idosa e respeitável», para contrabalançar a sua aparência desconcertantemente jovem. Mas caberia a Florence o contrôle geral da instituição.

Quando a notícia foi transmitida a Fanny e Parthe, repetiram-se as mesmas cenas desagradáveis de sempre. Parthe teve crises de chôro, enfureceu-se, entregou-se a manifestações histéricas, desmaiou e teve de ser posta de cama. Fanny fêz um terrível escarcéu, lamentou a própria sorte e teve de aspirar sais aromáticos. W.E.N. esquivou-se a todo êsse tumulto. Mas resolveu tomar, não obstante, uma medida de importância fundamental, concedendo a Florence um auxílio anual de 500 libras esterlinas.

A 12 de agosto de 1853, transferiu-se ela para a instituição, onde manteve a comissão sob estrito contrôle, expedindo-lhe instruções precisas em cartas longas e extremamente minuciosas. Suas exigências eram revolucionárias. Florence achava que se evitaria um grande desperdício de energia humana levando a água quente «a circular, encanada, em todos os andares». Desejava, igualmente, uma «instalação com cabrestante», espécie de elevador para transportar o alimento dos doentes. Em carta endereçada a Lady Canning, declarou: «A enfer-

meira não deve jamais ser obrigada a abandonar o seu andar, a não ser à hora das refeições. Sem um sistema assim, fica ela reduzida a um simples par de pernas. Além do mais, as campainhas dos doentes devem soar na passagem à entrada da sala das enfermeiras, sendo indispensável possuírem uma válvula que se abra e *permaneça* aberta, para que se possa saber quem chamou.»

Florence logo verificou que um auto-sacrifício desorganizado seria improfícuo. A instalação de campainhas «com válvulas que se abrissem» ao chamado dos doentes produziria muito maior rendimento do que, à falta delas, o obtido por aquê- le abnegado mas interminável descer e subir de escadas. A aquisição de um ótimo fogão de cozinha, o contrô- le da despensa e da rouparia, a manutenção dos doentes em camas asseadas e com boa alimentação valiam muito mais do que a permanência de uma enfermeira durante tôda a noite à cabeceira de um moribundo, confortando-o nos seus últimos momentos. Apenas não era tão pitoresco.

Florence estava resolvida a tornar a instituição alheia a todo e qualquer sectarismo, admitindo no seu seio tanto católicos como judeus. Já a comissão diretora desejava conservá-la fiel aos princípios da Igreja Anglicana. A superintendente ganhou a questão, mas teve de enfrentar uma escandalizada oposição.

Desnortado em face de tantas exigências, o comitê teve a impres-

são de haver, num momento de inadvertência, libertado um gênio prêso numa garrafa. O primitivo corpo de funcionários não se manteve por muito tempo. A encarregada deixou o pôsto após uma única entrevista. O cirurgião demitiu-se um mês depois. Mas, dentro de seis meses, a oposição havia arrefecido. Florence escreveu a W.E.N.: «Alcancei o auge do poder. A senhora X, que era a minha maior inimiga, anda agora, segundo me dizem, trombeteando a minha fama através de Londres.»

As pacientes idolatravam-na, enviando-lhe inúmeras cartas carinhosas. A sua simpatia para com as mulheres pobres penetrava-lhes todos os aspectos da existência. Compreendia a sua solidão, as suas perpétuas dificuldades econômicas, o fardo dos parentes ainda mais pobres do que elas. E não raro lhes oferecia auxílio financeiro.

A filha dos Nightingales exultara com o período de reorganização, mas assim que viu a instituição colocada nos eixos, começou a sentir-se inquieta. Em janeiro de 1854, referia-se a ela como «esta pequena amolação» e em breve estava visitando outros hospitais e coligindo dados para uma campanha destinada a reformar as condições de trabalho das enfermeiras. A moça ardorosa e superemotiva se havia transformado numa mulher de gênio, calma e independente. Já ninguém seria capaz de impedir que Florence Nightingale prosseguisse na sua trajetória

No mundo lá fora, uma catástrofe

se avizinhava. A Inglaterra e a França, em aliança com a Turquia, tinham declarado guerra à Rússia. Em setembro, os exércitos aliados desembarcaram na Criméia. A obra de Florence na instituição havia sido um simples ensaio geral. Agora é que o pano ia subir para ter início a peça.

A INVENCIBILIDADE do Exército Britânico era, para os ingleses, um postulado de fé. A nação que vencera Napoleão não poderia ser derrotada. Mas desde Waterloo, 40 anos de economia haviam produzido os seus efeitos, o exército tinha sofrido cortes de toda espécie e o pessoal do serviço de intendência estava reduzido a uma meia dúzia de elementos. Logo no início da Guerra da Criméia, os processos pelos quais as tropas eram alimentadas, vestidas e tratadas quando feridas ou doentes degeneraram em confusão. Antes mesmo de terminar o conflito, quatro Comissões de Inquérito parlamentares passaram a investigar a causa daquele fracasso.

Na primavera de 1854, entretanto, restabeleceu-se a confiança nos aliados. E quando se divulgou a notícia da custosa vitória de Alma, o povo vibrou de orgulho ante a feroz coragem com que as tropas britânicas se haviam lançado à conquista das colinas. Do que os soldados tiveram de suportar depois, eles não sabiam nada.

Os feridos sofriam as conseqüências do inadequado sistema de abas-

tecimento do exército. Não havia ataduras, talas, clorofórmio nem morfina. As amputações eram levadas a cabo sem anestesia, sendo que as vítimas tinham de ficar sentadas sobre tinas ou estendidas em cima de velhas portas. Os cirurgiões trabalhavam ao luar, à falta de velas ou lanternas.

E não se pense que melhores condições aguardavam os feridos ao serem evacuados para a base britânica de Escutári, no estreito de Bósforo, em frente a Constantinopla. O quartel de artilharia dos turcos tinha sido entregue aos ingleses juntamente com o hospital geral, situado ao pé daquele. Uma epidemia de cólera que lavrava entre os ingleses já havia acarretado a superlotação do hospital, e no afã de garantir alojamento para as centenas de baixas ocorridas em Alma, tentou-se converter todo o quartel num hospital. A coisa mostrou-se, porém, impraticável. O vasto edifício se apresentava desguarnecido, sujo e estragado. Não havia quem o limpasse. Não havia como dotá-lo de equipamento hospitalar.

Assim, após suportarem uma terrível viagem através do Mar Negro, comprimidos em «navios-hospitais» improvisados, chegaram os doentes e feridos a um hospital desprovido de camas, sendo obrigados a deitar-se em longas fileiras no chão imundo, embrulhados em cobertores sujos de sangue e dejeções, os mesmos que lhes haviam fornecido ao deixarem o campo de batalha. Não era possí-

vel dar-lhes alimento, pois faltava cozinha onde prepará-lo. E o número reduzido de médicos não permitia fôsse dispensado àqueles infelizes o tratamento que reclamavam.

O Exército Britânico havia passado muitas vêzes por vicissitudes idênticas. Mas êsses horrores haviam permanecido ignorados. Agora a Inglaterra fremia com os acontecimentos de Escutári, porque um correspondente de guerra, William Howard Russell, do *Times*, descrevera, furioso e indignado, os sofrimentos dos doentes e feridos. A revelação repercutiu através do país como uma trovoadá, enchendo o povo de cólera.

As autoridades militares, irritadas com a interferência do *Times*, recusaram-se a admitir que houvesse algo de anormal. Os setores competentes do govêrno apressaram-se em justificar-se, anunciando a remessa de amplos suprimentos, que já deviam estar chegando ao teatro de operações. Mas Sidney Herbert, que era então Ministro da Guerra, não se deu por convencido. Entre as providências tomadas para corrigir a situação, escreveu, a 15 de outubro, uma carta a Florence Nightingale, convidando-a a partir para Escutári como executora de um plano oficial destinado a introduzir enfermeiras pela primeira vez nos hospitais do Exército Britânico.

Florence aceitou o convite. A oportunidade que se lhe oferecia para fomentar a causa de enfermagem era tremenda. Estariam as en-

fermeiras em condições de ser empregadas com sucesso no tratamento de homens em tais circunstâncias? Os olhos da nação estavam fitos em Escutári. Se elas se desincumbissem eficientemente da sua missão, nunca mais seriam desprezadas.

A designação de Florence Nightingale causou grande sensação. Nenhuma mulher havia jamais recebido tamanha honraria, e Fanny e Parthe ficaram extáticas. Esquecendo-se de que a tinham levado às portas da loucura, com a oposição que lhe moveram, congratularam-se consigo mesmas por estar ela à altura da missão, graças à experiência que lograra adquirir. «Trata-se de uma obra grandiosa e nobre», escreveu Parthe. «Não se pode duvidar de que ela tenha sido talhada para isso.»

Miss Nightingale recebeu instruções no sentido de contratar os serviços de 40 enfermeiras—mas não houve corrida de candidatas. No fim, apenas 38 criaturas se mostraram em condições de ser aproveitadas. Cada enfermeira assinou uma declaração comprometendo-se a cumprir religiosamente as determinações de Miss Nightingale. O comportamento inconveniente com os soldados seria punido com demissão sumária. Não se aceitavam mocinhas, sendo a maioria constituída de mulheres maduras e robustas. Mais tarde, Miss Nightingale escreveu de Escutári sugerindo que, no futuro, «as candidatas gordas e beberronas, de 90 quilos para cima, sejam recusadas, já que as camas de que dispomos não

oferecem resistência suficiente para suportar-lhes o pêso».

Foram admitidas quatorze enfermeiras profissionais com prática de hospital. Das 24 restantes, dez eram freiras católicas e as demais irmãs anglicanas. Os dois grupos possuíam concepções diametralmente opostas sôbre a natureza de suas funções. As enfermeiras de hospital, que não raro se embriagavam e viviam criando casos, achavam que a sua missão era cuidar dos corpos doentes dos internados. As irmãs e freiras das ordens religiosas em geral se mostravam mais inclinadas a preocupar-se com a alma dos pacientes, negligenciando os tratamentos—concepção de que também partilhavam certas criaturas acostumadas a lidar com doentes, mas que se classificavam como «damas», não como enfermeiras.

Florence Nightingale recusou-se a admitir essas «damas», como tais, no seu corpo de auxiliares. Tôdas deviam ser enfermeiras, comer o mesmo alimento e servir-se das mesmas acomodações. As freiras e irmãs poderiam usar os seus hábitos, mas tôdas as outras teriam de envergar um uniforme—proteção necessária em Escutári, que era um lugar turbulento, cheio de tabernas e soldados ociosos.

A turma partiu de Marselha a 27 de outubro e uma semana depois chegava a Escutári.

AO SEREM LEVADAS, a remos, do navio para a velha plataforma de desembarque, as enfermeiras recuaram

ante um espetáculo impressionante: o cadáver intumescido de um enorme cavalo cinzento flutuava na praia ao sabor da maré, perseguido por cães esfaimados que latiam e lutavam entre si. Em seguida desembarcaram, galgaram a íngreme rampa e transpuseram o enorme portão do hospital, portão que, na opinião de Miss Nightingale, devia ser encimado pela célebre frase: «Abandonai tôda esperança, ó vós que entraís.»

Vastos corredores ecoantes, inteiramente desguarnecidos, com pisos de ladrilhos quebrados e paredes que ressumavam umidade, estendiam-se através de vários quilômetros. Miss Nightingale calculou que existissem ali mais de seis quilômetros de leitos. Tudo era imundo, tudo estava estragado.

O edifício formava um quadrado em tórno de um pátio central, verdadeiro mar de lama juncado de lixo. O imenso quartel compreendia um pôsto de tropas, uma cantina onde se vendiam bebidas e uma estrebaria para os cavalos. Nos porões localizavam-se antros escuros e infectos onde mais de 200 vivandeiras—às quais se havia permitido que acompanhassem as tropas—se embriagavam, passavam fome, davam à luz, praticavam o seu comércio de prostitutas e morriam de cólera.

Quando Miss Nightingale pôs os pés no quartel-hospital, a 5 de novembro de 1854, o inverno avançava celeremente. Os homens que sentiam a aproximação do desastre nada

podiam fazer para impedi-lo. A desorganização dos serviços de saúde do Exército Britânico era desalentadora. A responsabilidade se subdividia de maneira tão complicada que um eminente advogado, membro da Comissão de Hospitais, confessou-se incapaz de decifrar as atribuições dos seus diversos departamentos, apesar de ter passado várias semanas a percorrê-los. As imbecilidades do sistema em vigor sufocavam a iniciativa individual e destruíam o senso comum.

Os médicos de Escutári receberam com desagrado a notícia da nomeação de Miss Nightingale. Eram insuficientes em número, estavam exaustos. E para cúmulo do azar ainda vinham impingir-lhes uma dama da sociedade com uma matilha de enfermeiras. De tôdas as loucuras do govêrno, era aquela a mais absurda. Agora, entretanto, só lhes restava curvarem-se diante do fato consumado. A oposição aberta seria perigosa, pois sabia-se que Miss Nightingale contava com o apoio de personalidades influentes.

Apenas seis cômodos, entre êles uma cozinha e um reservado com cêrca de metro quadrado, tinham sido destinados a tôda a turma de enfermeiras. Eram quartos úmidos, sujos e mobiliados unicamente com um par de camas e algumas cadeiras. Um dos aposentos ainda se achava ocupado pelo corpo inanimado de um general russo. E não foi possível higienizá-lo, à falta de material para êsse fim.

A maior parte do grupo dispôs-se a dormir nos chamados «divãs» turcos, estrados de madeira que rodeavam as paredes a certa altura do chão e sôbre as quais os turcos colocavam a roupa de cama. Não havia colchões, entretanto. Não havia comida, nem meios de cozinhar. Como não houvesse, igualmente, lampêes ou velas, era com o espírito abatido que as enfermeiras se recolhiam, no escuro, àqueles quartos onde pululavam as pulgas e os ratos corriam de um lado para o outro.

Os médicos agiam como se Florence Nightingale não existisse. Unindo-se em compacta falange para defesa dos seus interêsses, recusaram-se a tocar nas provisões ou a servir-se das enfermeiras que trouxera. Ela seria sistemáticamente boicotada.

Florence conseguiu tomar pé no hospital através da cozinha. A situação era de fome. Não se serviam legumes, a não ser um minguaado prato de ervilhas sêcas, lá uma vez ou outra. A única maneira de cozinhar era por meio de fervura. As ordenanças de cada enfermaria traziam as postas de carne que recebiam da cozinha, identificavam-nas com farrapos vermelhos, botões ou pregos velhos e mergulhavam-nas em enormes caldeirões turcos. Êstes eram colocados sôbre um fogo de lenha verde que produzia uma fumaçeira infernal. A água em geral não chegava a ferver, de modo que as postas lançadas por último eram retiradas ainda quase cruas. Depois, devido à escassez de água, o chá era

feito nesses caldeirões sem que fôsem lavados. A comida era quase intragável para gente sã e robusta; e, como dieta de homens acometidos de cólera e disenteria, provocava torturas indescritíveis. «Nunca testemunhei sofrimento maior», escreveu um observador.

No dia seguinte ao da sua chegada, Florence começou a confeccionar pratos extras. Tinha adquirido araruta, vinho, essência de carne e fogões portáteis, em Marselha. Assim, pôde servir panelões de papas quentes de araruta e vinho do Pôrto aos enfermos mais graves, com o que dentro de uma semana a cozinha do seu setor se transformou numa fonte de dieta especial. A rotina oficial era, entretanto, rigorosamente observada. Nenhum alimento era fornecido sem a competente requisição do médico, embora inúmeras enfermeiras se rebelassem contra essa formalidade, quando se sabia que os homens estavam todos, na realidade, morrendo de fome.

A 9 de novembro, uma onda de doentes derramou-se sôbre o hospital, a primeira de um mar de vítimas de disenteria, escorbuto, inanição e enregelamento que haveria de inundar Escutári durante aquêl terrível inverno. As autoridades ficaram atordoadas, manifestando-se uma crise de tais proporções que os preconceitos tiveram de ser temporariamente postos de lado. Era a oportunidade que Florence Nightingale precisava.

Os médicos trabalhavam «como

leões», mantendo-se de pé, não raro, durante 24 horas consecutivas. Não havia biombos nem mesas de operações. As amputações tinham de ser realizadas nas próprias enfermarias, à vista dos enfermos. Uma das primeiras providências de Miss Nightingale foi mandar vir um biombo de Constantinopla, a fim de poupar aos homens o espetáculo do sofrimento que êles próprios estavam condenados a suportar.

Segundo suas estimativas, o hospital teria, então, mais de mil homens atacados de diarréia aguda e dispunha de apenas 20 bacias. Por negligência, as privadas do quartel se haviam tornado imprestáveis, pelo que as respectivas caixas de descarga ficaram entupidas. Enormes tinhas de madeira ficavam nas enfermarias e nos corredores a fim de serem utilizadas pelos homens. Como fôsse desagradável esvaziá-las, as ordenanças deixavam-nas cheias durante 24 horas a fio. O mau cheiro podia ser sentido no exterior do edifício.

As condições no hospital já se estavam tornando caóticas, mas ainda iriam piorar consideravelmente. Com o rigor do inverno, os casos de disenteria, diarréia e febre reumática multiplicavam-se de maneira alarmante entre as tropas do exército, na Criméia. Novas levas de doentes vinham, a intervalos regulares, inundar Escutári. Ao terminar o mês de novembro, a administração do hospital já não podia disfarçar o seu fracasso quase total.

A ESSA ALTURA, então, uma luz começou a fulgir no meio daquele horror, daquela confusão. Pouco a pouco, atordoados e exaustos, os médicos e chefes foram reconhecendo que havia uma única pessoa em Escutári capaz de lançar-se à ação, com dinheiro e autoridade para gastá-lo: Miss Nightingale.

Possuía ela à sua disposição, proveniente de várias fontes, soma superior a 30 mil libras, das quais sete mil arrecadadas através do seu esforço pessoal. E Constantinopla, ali perto, era um dos grandes mercados do mundo. Durante os primeiros horrores de novembro, que prometiam transformar-se em catástrofe no decorrer de dezembro, ficou patenteado que qualquer coisa que se desejasse—fôsse um pudim de leite ou um colchão de água—a única coisa a fazer era «recorrer a Miss Nightingale».

Diariamente, ela fazia uma verificação dos artigos que estavam faltando. Um certo Sr. Macdonald, que viera de Londres a fim de gerir vultosos fundos levantados pelo *Times* e destinados à melhora das condições dos doentes e feridos, ia regularmente a Constantinopla e comprava as mercadorias. As provisões eram, então, colocadas no depósito e Miss Nightingale as fornecia mediante requisição assinada por um oficial-médico. Em pouco tempo, cessaram as suspeitas dos médicos, desaparecendo igualmente o seu despeito.

Tampouco encontrou ela oposição

ao empreender a limpeza das enfermarias. Adquiriu 200 escôvas apropriadas para a lavagem dos pisos e fêz questão de que fôsem esvaziadas as enormes tinas de madeira. Postando-se, tranqüila e obstinadamente, ao lado de cada uma delas, às vezes durante uma hora inteira, só arredava pé quando as ordenanças se resolviam a escoar a água que as enchia, o que conseguia sem necessidade de gritos e repreensões.

A providência seguinte foi relativa à lavagem da roupa dos homens. O Provedor havia contratado êsse serviço, mas o resultado deixava imensamente a desejar. As camisas voltavam ainda cheias de piolhos, tão sujas como ao saírem. Miss Nightingale alugou uma casa fora do quartel e conseguiu que a roupa fôsse lavada por espôsas de soldados.

Ao fim de dezembro, Miss Nightingale havia-se transformado, de fato, na provedora do hospital. Durante um período de dois meses, forneceu ela, mediante requisição médica, cêrca de seis mil camisas, dois mil pares de meias e 500 ceroulas, bem como um número também elevado de barretes de dormir, chinelas, pratos, canecas, garfos, facas, colheres. Além disso, adquiriu bandejas, mesas de operação, toalhas e sabonetes, dotando de agasalhos, igualmente, todo um regimento que só dispunha de roupas tropicais.

Era impossível, a essa altura, arranjar lugar para novas camas nas enfermarias e corredores existentes. Uma das alas do edifício, entretanto,

tinha sido destruída pelo fogo anteriormente à chegada dos ingleses, e uma vez reformada ficaria em condições de abrigar mais um milhar de doentes. Como ninguém, no hospital, tivesse autoridade para ordenar a reconstrução, Miss Nightingale resolveu pôr mãos à obra. Contratando 200 operários, remunerou parte dos serviços com seus próprios recursos e parte com o dinheiro levantado pelo *Times*. As enfermarias da ala reconstruída ficaram prontas a tempo de receber os novos feridos que chegavam.

—Era como se estivéssemos no paraíso, declarou um deles mais tarde, descrevendo as sensações que experimentara ao ser transferido do transporte imundo para a enfermaria onde Miss Nightingale e suas auxiliares o colocaram num leito limpo, com alimento quente à sua disposição.

A iniciativa teve uma repercussão retumbante. Era a primeira demonstração importante daquilo a que os homens de Escutári chamavam «A Potência Nightingale». O respeito pela Potência Nightingale aumentou ao divulgar-se que a sua ação havia merecido a aprovação oficial do Ministério da Guerra, sendo-lhe reembolsado o montante das despesas efetuadas.

A posição de Miss Nightingale consolidou-se mais ainda quando, a 14 de dezembro, a Rainha Vitória lhe enviou donativos, encarregando-a de sua distribuição e em desvanecedora mensagem pessoal, declarou

que a sua «bondade e abnegação estavam sendo acompanhadas pela Rainha com sentimentos do mais alto louvor e admiração». Concoritaria ela em sugerir alguma coisa que a Rainha pudesse fazer para «testemunhar o seu aprêço pela coragem e pela têmpera tão invulgarmente demonstradas por seus soldados doentes?»

Florence Nightingale já havia encarecido insistentemente a Sidney Herbert a necessidade de ser modificado o dispositivo regulamentar que dizia respeito ao sôldo dos soldados doentes, pois durante o período de internação êstes recebiam uma diária quatro dinheiros e meio inferior à dos feridos, apesar de terem adoecido em campanha. Assim, ela escreveu diretamente à Rainha pedindo a equiparação dos soldos pagos a doentes e feridos, desde que as moléstias tivessem sido contraídas quando no cumprimento do dever, diante do inimigo. A Rainha concordou imediatamente com a sugestão. E no dia 1º de fevereiro foi anunciado o reajustamento do sôldo dos internados.

Em janeiro de 1855, as provações do Exército Britânico diante de Sebastopol começaram a encaminhar-se para um terrível clímax. Das vastas provisões enviadas, pouco havia chegado às mãos das tropas. Grande quantidade de víveres desaparecia no «abismo sem fundo» da alfândega turca. Um carregamento de repolhos foi atirado ao mar, em Balclava, sob a alegação de que não

vinha consignado a ninguém. Nove toneladas de suco de limão chegadas a 10 de dezembro só começaram a ser distribuídas em fevereiro, por não existir ordem para a inclusão dêsse ingrediente na ração diária. Em consequência dessa estupidez, o exército estava sendo devastado pelo escorbuto.

Havia já 12 mil homens no hospital e estavam sempre chegando novas levas. Era, na opinião de Florence Nightingale, «uma calamidade sem paralelo na história das calamidades».

Naquela emergência, Florence tornou-se suprema. A serenidade, iniciativa e capacidade de ação de que dava mostras faziam dela um rochedo a que todos se agarravam. Os médicos acabaram por colocar-se sob sua absoluta dependência. Os soldados adoravam-na.

—Se o comando das tropas lhe fôsse entregue, diziam, dentro de uma semana Sebastopol estaria conquistada.

©SIDNEY HERBERT solicitara a Florence Nightingale que lhe escrevesse particularmente, nos intervalos entre os seus relatórios oficiais, e durante a guerra ela escreveu-lhe mais de 30 cartas de enorme extensão, transbordantes de minuciosas sugestões práticas para a reforma do sistema hospitalar. Era quase inacreditável que, absorvida por um labor incessante e vivendo na atmosfera sórdida do hospital improvisado, sempre às voltas com disputas, au-

diências, reclamações, e assoberbada pela correspondência oficial, ainda encontrasse tempo e energia para escrever aquelas longas exposições confidenciais. Herbert e outros membros do Gabinete utilizaram-se livremente dos fatos e cifras mencionados por Florence Nightingale e, no decorrer da campanha então iniciada, importantes inovações, como a formação de um Corpo de Auxiliares Médicos e a criação de uma Escola de Medicina, basearam-se em sugestões suas.

Mas apesar dos melhoramentos introduzidos no hospital, ainda restava um terrível problema a resolver. Havia mais limpeza nas enfermarias, os lavatórios já não se entupiam, a alimentação se tornara razoável, mas a mortalidade ainda aumentava. Os homens estavam morrendo vitimados por doenças contraídas depois de darem entrada no hospital. Uma epidemia grassou com tal malignidade que quatro cirurgiões e três enfermeiras sucumbiram no espaço de três semanas. Os oficiais de plantão já receavam entrar nas enfermarias, sendo necessário o emprego de destacamentos turcos para o sepultamento dos mortos. Não foi possível reunir uma turma de ingleses cujas condições de saúde lhes permitissem enfrentar a tarefa de abrir covas.

Na Inglaterra, a indignação atingia o auge. Uma tempestade de cólera, humilhação e desespero, amadurecida durante o trágico inverno de 1854-55, estava prestes a desen-

calear-se. Pela primeira vez na história, o público, graças aos despachos de Russell, tomava conhecimento da «galhardia demonstrada pelos soldados britânicos no campo de batalha». E êsses heróis estavam todos mortos. Os participantes da carga da Brigada Ligeira, em Balaklava, haviam perecido de fome, abandonados à própria sorte.

As proporções da catástrofe abalarão o governo, que nos últimos dias de fevereiro designou uma Comissão Sanitária para investigar a situação dos hospitais e acampamentos tanto em Escutári como na Criméia. Essa comissão, na opinião de Florence Nightingale, «salvou o Exército Britânico».

A Comissão Sanitária desembarcou em Constantinopla em princípios de março e entrou imediatamente em atividade. As suas descobertas foram de arrepiar os cabelos. As deficiências higiênicas do quartel transformado em hospital foram classificadas de «assassinãs». Sob a magnífica estrutura corriam esgotos da pior construção imaginável. O vasto edifício elevava-se num verdadeiro mar de podridão, sendo que o vento encaminhava para as enfermarias o gás venenoso que se desprendia dos inúmeros reservados abertos. As enfermeiras tinham notado que os doentes colocados em certos leitos morriam dentro de pouco tempo. É que ficavam perto das portas dos reservados, onde as emanções se faziam sentir mais intensamente.

Por ordem da comissão, foi a es-

terqueira removida, com resultados positivos, pois a mortalidade entrou imediatamente em declínio.

Superada aquela emergência, entretanto, a oposição a Florence Nightingale voltou a manifestar-se. A admiração e o reconhecimento desapareceram—exceto a gratidão dos soldados—dando lugar a ciúmeiras e traições que a deixaram de ânimo profundamente abalado e dominada por um senso de frustração.

A primavera de 1855 encontrou-a fisicamente exausta. Acostumada ao conforto do lar, sem nunca ter sido muito forte, levava agora uma vida árdua e penosa, quase impossível de suportar.

Quando chegava uma nova onda de doentes, ela se conservava de pé durante 24 horas ininterruptas e, às vezes, ficava de joelhos oito horas seguidas, a pensar feridas. Cuidava pessoalmente dos casos mais graves, demonstrando, conforme declarou um observador, «absoluto desprezo pelo perigo de contágio». Os soldados idolatravam-na. «Experimentávamos um grande conforto simplesmente ao vê-la passar», escreveu um deles. «Sempre nos dirigia uma palavra, um aceno ou um sorriso. Éramos centenas de enfermos, mas podíamos beijar-lhe a sombra que se projetava sobre nós».

O fardo mais opressivo era o da parte administrativa. O seu retiro era chamado a Torre de Babel. Durante todo o dia, chegavam à sua procura capitães de navios-transportes, oficiais do Corpo de Engenhei-

ros Reais, enfermeiras, comerciantes, médicos e capelães, que desejavam tôda espécie de coisas que iam desde camisas até conselhos sôbre a dieta de um doente ou o fornecimento de talas, ataduras, vinho do Pôrto, fogões e manteiga.

Florence Nightingale dormia no depósito, numa cama colocada por trás de um biombo. Durante o dia, aproveitando os intervalos entre duas visitas, empunhava a pena e punha-se a trabalhar em uma mesa de pinho sem pintura.

Nenhuma das enfermeiras estava em condições de auxiliá-la como secretária. Tinha ela, portanto, de tratar pessoalmente das requisições e registros, redigir os relatórios e preparar tôda a enorme correspondência acusando o recebimento dos donativos enviados da Inglaterra. Fazia um frio terrível e ela detestava o frio. Mas a pena não parava de deslizar sôbre o papel. O pessoal do hospital notava que a luz do seu quarto se mantinha acesa a noite inteira. Os papéis empilhavam-se aos montes pelo chão, na cama e sôbre as cadeiras. Não raro a luz do dia encontrava-a vestida sôbre o leito, ao qual se atirara vencida pelo cansaço.

Ela continuava a não medir sacrifícios, mas tinha desaparecido a alegria com que antes desempenhava a sua missão. O entusiasmo e a fé que a haviam sustentado durante os primeiros meses dissiparam-se ante o poder da intriga oficial. «O que em verdade humilha e desanima aqui»,

escreveu, «é o fato de lidarmos com homens cujo objetivo único é se conservarem livres de culpa».

Florence havia encontrado pela frente um dêsses homens, e o grande conflito da sua missão estava prestes a começar.

EMBORA se mantivesse ocupado na Criméia, o Dr. John Hall, Chefe do Corpo Médico do Exército Expedicionário Britânico, controlava os hospitais de Escutári e não estava disposto a permitir que êles lhe escapassem por entre os dedos. Tratava-se de um oficial conhecido pelo seu rigor disciplinar e avêso a tôda espécie de liberalidade para com a tropa. Vingativo e poderoso, era mestre na elaboração de relatórios confidenciais.

Antes da chegada de Florence Nightingale, tinha o Dr. Hall inspecionado os hospitais de Escutári, que, apesar de sujos e mal providos, foram, no seu relatório, considerados «em muito boa situação... sem falta de coisa alguma». Feita essa afirmação impensada, ficara o doutor sèriamente comprometido. Dali em diante teria de sustentar o que dissera e, para isso, precisava do apoio de seus subordinados.

Florence Nightingale resolveu partir para a Criméia, a fim de visitar os dois grandes hospitais de Balaclava—um dêles, o Hospital Geral, sob a direção pessoal do Dr. John Hall. Ambos possuíam agora um corpo de enfermeiras sôbre cuja conduta haviam circulado em Escutári

algumas notícias bem inquietadoras.

Ocorreu, então, um lapso fatal nas instruções a ela expedidas. Embora fôsse intenção do Gabinete inglês entregar-lhe a administração de todo o serviço de enfermagem do exército, as instruções que lhe foram enviadas designavam-na «Superintendente do Serviço Feminino de Enfermagem nos Hospitais Gerais do Exército Inglês na *Turquia*». Em face disso, o Dr. Hall alegou não possuir ela jurisdição sôbre a Criméia.

Não obstante, a 5 de maio de 1855, seis meses depois de sua chegada a Escutári, apresentou-se ela em Balaclava e, na manhã seguinte, iniciava a sua inspeção. Não podia haver tarefa mais ingrata. Os hospitais se apresentavam imundos e extravagantemente dirigidos, com enfermeiras ineficientes e indisciplinadas. Foi ela recebida em tôda parte com hostilidade e, no Hospital Geral, com insolência.

Sem dar atenção à hostilidade e à grosseria, elaborou planos para a instalação de cozinhas destinadas ao fornecimento de dietas especiais, determinou quem deveria ser substituído em suas funções e bateu-se, de um modo geral, pelo aprimoramento do padrão hospitalar e de enfermagem. Não teve tempo, entretanto, de dar início à realização de seus projetos, atingida que foi pela doença.

Certo dia, ela se queixou de extrema fraqueza e cansaço e, na manhã seguinte, durante uma entrevis-

ta, perdeu os sentidos. Chamado com urgência, o primeiro oficial-médico do Hospital Geral de Balaclava reuniu-se em conferência com dois outros médicos e divulgou finalmente um boletim em que Florence Nightingale era dada como portadora de febre da Criméia. Na Inglaterra, a notícia foi recebida com consternação e em Escutári, segundo se lê na carta que um sargento escreveu à família, «os homens voltaram o rosto para a parede e choraram».

Durante mais de duas semanas esteve ela entre a vida e a morte. No auge da febre, os seus cabelos tiveram de ser cortados. E, ao ser declarada fora de perigo, sentia-se ansiosa por resolver os problemas urgentes de Balaclava, mas a extrema fraqueza a impedia de alimentar-se ou de elevar a voz acima de um sussurro. Os médicos aconselharam-na a passar uma temporada na Inglaterra ou na Suíça. Ante a sua recusa, ficou combinado levarem-na de volta a Escutári.

Nessa cidade, instalaram-na numa casa pertencente a um tal Sr. Sabin, que havia regressado à pátria em gôzo de licença para tratamento de saúde. As janelas davam para o Bósforo e havia uma árvore verdejante no quintal dos fundos. Foi lá que ela conseguiu, aos poucos, restabelecer-se.

Pelo mês de julho, sentia-se melhor e começou a ficar inquieta. O médico implorou-lhe que se poupasse, pois, se ainda estava viva, devia-o

à febre que a obrigara àquele período de repouso. Ela, porém, não ousava conservar-se por mais tempo na inatividade. Tinha sido levada a deixar a Criméia antes de pôr em prática as medidas que planejava e agora chegavam-lhe notícias de que a situação ia de mal a pior. Cada dia que passava, sua autoridade era mais ostensivamente desrespeitada. Logo que fôsse humanamente possível, desejava, pois, regressar a Balclava a fim de reiniciar a luta interrompida.

Conseguiu dar a impressão de achar-se completamente restabelecida. Seus cabelos aparados estavam crescendo em pequenos cachos que lhe davam um aspecto curiosamente meigo e infantil. Ao fim de julho, voltou ela a ocupar o depósito do hospital, conservando a casa do Sr. Sabin como local de repouso para as enfermeiras.

As autoridades médicas não a receberam com bons olhos. Achavam que a situação do hospital já era satisfatória, pelo que não se fazia mais necessário o seu concurso. Ninguém se dignava consultá-la, manifestando-se, em consequência disso, um verdadeiro surto de reclamações. O acúmulo de trabalho continuava enorme. Quando, em setembro, a irmã de W.E.N., Mai, foi visitar a sobrinha, não pôde conter as lágrimas ao encontrar Florence magra, abatida e alterada pela doença. E a trama de intrigas, obstruções, aborrecimentos e descortesias em que se via obrigada a viver e a trabalhar

deixaram a sua Tia Mai horrorizada.

No início de outubro, Florence Nightingale transportou-se novamente para a Criméia, resolvida, na sua expressão predileta, a «pôr as coisas em ordem». A 8 de setembro, a sitiada Sebastopol fôra calmamente evacuada pelo inimigo, estando próximo, portanto, o fim da guerra. Desejava ela ardentemente conciliar os ânimos, a fim de evitar um fracasso na undécima hora. E para isso estava disposta a mostrar-se apaziguadora, até mesmo com o próprio Dr. Hall.

«Faz hoje um ano que fui nomeada», escreveu ela, «um ano de sordidez, de experiências suficientes para entristecer não uma vida, mas a eternidade inteira. O Dr. Hall colocou-se irredutivelmente contra mim. É capaz de descer a tôdas as baixezas para tornar a minha posição mais difícil.»

Como não houvesse qualquer pronunciamento do govêrno estabelecendo a sua autoridade na Criméia, o Dr. Hall classificou-a de aventureira e que como tal deveria ser tratada. Os funcionários subalternos desrespeitavam-na com impertinência vulgar. O Provedor recusava-se a atender às suas ordens de pagamento. Ela, entretanto, não aceitava as provocações. Continuava a trabalhar, ignorando as humilhações pessoais, na esperança de conseguir a unificação dos serviços femininos de enfermagem nos hospitais militares.

A admiração e afeto que o povo

da Inglaterra lhe votava tornavam-na suspeita aos olhos das autoridades da Criméia. O Ministério da Guerra mostrou-se mais susceptível à opinião pública. E, em novembro, quando o prestígio de Florence Nightingale na Criméia se achava reduzido a um grau ínfimo e ela enfrentava dificuldades quase insuperáveis, uma espantosa demonstração de afeto coletivo, na Inglaterra, veio dar-lhe um cunho de heroína nacional que pessoa alguma estaria em condições de desprezar.

De volta à pátria, os sobreviventes do Exército Britânico espalharam pelos quatro cantos da Inglaterra a história de Miss Nightingale e do hospital do quartel, dando origem, assim, a uma lenda que foi tomando vulto nas pequenas casas de campo, nos cortiços e pátios, bem como nas cervejarias e nas tascas. Embora os ricos pudessem achá-la romântica, a verdade é que a lenda de Florence Nightingale pertencia aos pobres, aos iletrados, aos desamparados, cujos filhos, maridos e noivos ela se recusou a tratar como se constituíssem a escória da terra. «O povo te ama com uma ternura apaixonada que me toca o coração», escreveu Parthe.

As sucessivas notícias da sua doença, do seu restabelecimento e da sua determinação de permanecer em atividade enquanto durasse a guerra elevaram a vibração popular ao grau máximo de intensidade. A 29 de novembro de 1855 foi organizada uma reunião em praça pública, em Londres, como «reconhecida home-

nagem» a Florence Nightingale pelos serviços que prestara aos hospitais. O local ficou tão apinhado, por uma multidão delirante de entusiasmo, que mal se podia respirar, o mesmo ocorrendo por ocasião de concentrações idênticas realizadas através do país. A primeira idéia que se teve foi a de oferecer-lhe um objeto de ouro ou prata com uma inscrição carinhosa, mas a soma arrecadada atingiu tais proporções que ficou decidida a criação de um Fundo Nightingale, a fim de possibilitar a Miss Nightingale o «estabelecimento e contrôle de um instituto destinado ao treinamento, manutenção e proteção de enfermeiras remuneradas ou não».

O louvor e a popularidade deixaram-na indiferente. Em resposta à Comissão do Fundo Nightingale, declarou que não estava em condições de assumir outros encargos além dos que já lhe pesavam sobre os ombros e que apenas aceitaria o fundo sob a condição de não lhe determinarem prazo para empregá-lo.

A verdade era que a organização e reforma dos serviços de enfermagem já não preenchiam integralmente o horizonte de suas cogitações. Lançara-se ela à consecução de uma nova e gigantesca tarefa: a modificação do tratamento dispensado ao soldado raso britânico. O Duque de Wellington havia descrito o seu exército, ao qual se deveu a vitória de Waterloo, como «a escória da terra alistada para beber». E na Guerra da Criméia os oficiais ainda viam no

soldado um brutamontes que conhecia apenas a lei das chibatadas, dos exercícios estafantes e da disciplina férrea. Florence Nightingale pensava de maneira diferente. Desenvolvera-se no seu espírito uma devoção mística ao Exército Britânico. Encontrava ela nas tropas as qualidades que mais a sensibilizavam. Tratava-se de vítimas, e um instinto profundo levava-a sempre a defender os oprimidos. A suprema lealdade graças à qual os homens davam a vida para salvar a de um companheiro e a coragem que lhes permitia avançar, sem hesitação, debaixo do fogo inimigo eram demonstradas por homens que ganhavam um xelim por dia.

Não romantizava o soldado raso britânico. «Que fez êle com o dinheiro? Bebeu-o, com certeza», escreveu em Escutári. «Um dêles nos pede que arranjemos um lugar para a espôsa», diz em outra nota. «Seria melhor que esclarecesse a que espôsa se refere». Quando a Rainha Vitória se prontificou a mandar água de colônia para as tropas, ela sentiu vontade de dizer-lhe que um pouco de gim seria mais bem recebido. Florence Nightingale aceitava e amava a tropa como aceitava e amava as crianças e os animais. Dizia-se, mesmo, mãe de 50 mil crianças.

Em Escutári, típica base militar, a única oportunidade que se proporcionava às tropas era a de se embriagarem. A bebida vendida nas tascas era um veneno abominável. Quase todos os convalescentes que rece-

biam permissão para sair do hospital voltavam carregados dentro de 24 horas. «Embriagavam-se a tal ponto», escreveu Florence, «que muitos morriam sob as vistas indiferentes dos oficiais». Tornou-se evidente para ela que devia dedicar-se aos soldados não só quando estavam doentes, mas também quando estavam bons.

No mês de maio de 1855, após vigorosa oposição, inaugurou ela uma pequena sala de leitura para os pacientes em condições de se locomoverem. Temendo que a substituição da bebida pela leitura levasse os homens a exagerar a sua própria importância, as autoridades acusaram-na de «destruir a disciplina militar». A conduta dos rapazes, entretanto, mostrou-se excelente. Verificou ela que muitos dos internados não sabiam ler nem escrever, pelo que resolveu pedir permissão para contratar os serviços de um mestre-escola. Mas semelhante permissão foi-lhe terminantemente recusada.

—A senhora está estragando êsses brutos, disse-lhe o general comandante, Lorde William Paulet.

Ela descobriu igualmente que os homens desperdiçavam o sôldo nas tabernas por não verem com bons olhos o sistema oficial de remeter dinheiro para casa através do tesoureiro. Graças aos bons ofícios da Rainha Vitória, instalaram-se na pequena cidade várias agências destinadas à transmissão de ordens de pagamento, elevando-se, assim, a 71 mil libras esterlinas o montante re-

metido para a Inglaterra em menos de seis meses—dinheiro que de outra forma teria ido parar nas tabernas, comentou Miss Nightingale.

Quando Lorde Paulet foi substituído pelo General Storks, Miss Nightingale ganhou um colaborador entusiástico. Trabalhando de comum acôrdo, os dois instauraram a disciplina e a ordem no hospital e adjacências. Em primeiro lugar, foram fechadas as bodegas, providenciando-se o patrulhamento das ruas após o anoitecer. Posteriormente, inaugurou-se um amplo salão de recreio. Os jornais e o papel de carta eram fornecidos por conta de Miss Nightingale. Os oficiais tinham-lhe asseverado que os homens seriam capazes de roubar os blocos de papel a fim de arranjar dinheiro para beber, mas nada disso jamais aconteceu.

Ao iniciar-se a primavera de 1856, quatro escolas dirigidas por profissionais do magistério já haviam sido abertas. «As preleções», escreveu ela, «atraíam elevado número de alunos. As salas ficavam superlotadas. . . . Organizaram-se aulas de canto. . . . Chegou-se mesmo a formar um pequeno teatro local. . . . Era grande a popularidade do futebol e de outros jogos, entre os sadios, bem como do dominó e do xadrez, entre os doentes. . . . Não seria possível imaginar-se população mais ordeira do que a do comando de Escutári em 1855-56».

Tratava-se de uma vitória espetacular. E, no decorrer do inverno de

1855-56, a imagem do soldado britânico como indivíduo ébrio e intratável dissipou-se para sempre.

A OBRA SOCIAL fôra bem sucedida, mas, quanto aos demais aspectos de sua atividade, Florence Nightingale fracassava a olhos vistos. O bem que fizera estava sendo desfeito e as decisões que tomara já não eram mantidas. Sem ter para quem apelar, vivia atormentada pelo despeito oficial. E as próprias autoridades cuja indiferença, estupidez, ineficiência e burocracia deram lugar à desnecessária tragédia do inverno de 1854-55 viam-se agora exculpadas, promovidas e condecoradas. O Dr. John Hall foi investido no grau de Cavaleiro da Ordem do Banho. Parecia o triunfo de tudo aquilo que ela havia combatido, a derrota final da justiça pela fôrça.

O cansaço, a desilusão e a falsidade pareciam não ter fim. Ao iniciar-se o mês de dezembro, o Sr. FitzGerald, Provedor-Mor na Criméia, preparou, a respeito de Miss Nightingale e suas enfermeiras, um «Relatório Confidencial» que foi enviado por Sir John Hall a certos elementos do Ministério da Guerra propensos a dispensar-lhe a acolhida desejada. O tal relatório consistia, de fato, numa série de acusações. Ela própria era acusada de insubordinação e as suas enfermeiras descritas como desonestas, extravagantes, desobedientes, ineficientes e imorais. Quanto à imoralidade das enfermeiras, afirmava o Relatório Confidencial que

cinco delas tinham sido despachadas de volta à pátria, no mesmo navio, por causa da sua conduta indecorosa. Em verdade, das cinco enfermeiras citadas, quatro eram as «melhores auxiliares» de Florence Nightingale, que regressavam honradamente ao lar, «esgotadas pelo trabalho excessivo». Uma delas havia sido oficialmente elogiada pelo próprio Sr. FitzGerald. No tocante à quinta, não era exato que tivesse embarcado; pois continuava a trabalhar em Escutári.

Tudo não passava de uma «trama de afirmações gratuitas, deturpações tendenciosas, calúnias perversas e escandalosas», mas a presteza com que êsses abusos foram explorados nos círculos oficiais causou o mais profundo desgosto a Florence Nightingale.

Em fevereiro de 1856 as suas dificuldades atingiram o grau máximo. O primeiro oficial médico do Corpo de Transportes Terrestres convidou-a a enviar enfermeiras para a Criméia. Mas a situação era tal que ela, indecisa, não sabia se devia mandá-las. O Sr. FitzGerald, estimulado pelo sucesso do seu Relatório Confidencial, resolvera impugnar as ordens de reembolso emitidas por Miss Nightingale. Deviam-lhe, já, um total de mil e 500 libras esterlinas, e ela não encontrava meios de reaver essa importância. A dupla Hall-FitzGerald confessava abertamente a sua intenção de expulsá-la da Criméia.

O Ministério da Guerra, entre-

tanto, havia incumbido um tal Coronel Lefroy de averiguar secretamente as irregularidades apontadas, cabendo-lhe apresentar a Lorde Panmure, sucessor de Sidney Herbert como Ministro da Guerra, um relatório sôbre a situação real dos hospitais. O Coronel Lefroy, que nutria grande admiração pela superintendente, empenhou-se com ardor em dar pronto cumprimento à sua missão. E em 16 de março de 1856 chegou finalmente à Criméia um despacho definindo os poderes de Florence Nightingale em têrmos com que ela jamais havia sonhado.

O despacho foi publicado no *General Orders*, boletim diário do comando-geral, e afixado em todos os alojamentos e refeitórios. «O Governo de Sua Majestade confirma Miss Nightingale no cargo de Superintendente-Geral dos Serviços Femininos de Enfermagem nos hospitais militares do Exército. Nenhuma senhora, irmã ou enfermeira poderá ser transferida de um hospital para outro, ou admitida em qualquer hospital, sem prévia autorização sua. . . . O Primeiro Oficial-Médico deverá discutir com Miss Nightingale todos os assuntos relacionados com o Serviço Feminino de Enfermagem, expedindo, por seu intermédio, as instruções que se fizerem necessárias.»

O triunfo foi completo. Ela nunca esperara semelhante consagração. E o fim de suas lutas coincidiu com o advento da paz, proclamada a 29 de abril.

A nação desejava ardentemente homenageá-la. Emergira da guerra como a única personagem de grande reputação do lado inglês. O govêrno pôs à sua disposição uma belonave, para trazê-la de volta à pátria com honras de Chefe de Estado. Organizaram-se comitês de recepção. Planejou-se a construção de arcos de triunfo. Providenciaram-se bandas, paradas, discursos paroquiais e uma carruagem a ser tirada por membros da comunidade.

Ela, porém, nada aceitou. Sentia-se desolada e combalida. E êsse estado de espírito fê-la voltar aos seus assentamentos particulares: «Pobres dos meus soldados! Mãe desnaturada esta que tem coragem de partir deixando os filhos nos túmulos da Criméia. Em oito regimentos, num período de seis meses, só de doença, desapareceram 73% dos soldados. Quem se lembra disso neste instante?» Durante a noite, a Tia Mai ouvia-lhe o ruído interminável dos passos pelo quarto.

A 28 de julho, embarcou em Constantinopla com destino a Marselha, em companhia da Tia Mai. Viajavam incògnitamente, usando os nomes supostos de «Sra. e Srta. Smith». De Marselha, dirigiu-se a Paris e, no dia seguinte, partiu sòzinha para a Inglaterra. À tarde, tomou o trem do norte, sempre só, e de noite percorreu a pé o trajeto da estação até Lea Hurst.

Parthe, Fanny e W.E.N. estavam na sala de visitas, mas a Sra. Watson —a governanta—achava-se sentada

no seu quarto, à frente da casa. Olhando pela janela, viu aproximar-se uma senhora vestida de prêto. Olhou novamente, soltou um grito de espanto e, banhada em lágrimas, correu ao seu encontro.

DUAS FIGURAS se tinham havido heròicamente durante a Guerra da Criméia—o soldado e a enfermeira. Ambos viram transformar-se, por obra e graça de Florence Nightingale, o conceito público a seu respeito. O soldado britânico era agora um símbolo de coragem, lealdade e resistência. E nunca mais a palavra *enfermeira* traria à mente a idéia de uma mulher bêbeda e decaída. A enfermeira que a Guerra da Criméia revelara, padrão de fôrça e ternura, controlada em face da dor alheia, abnegada, superior às considerações de classe ou de sexo, era a própria imagem de Florence Nightingale. Em meio à confusão e à sordidez, à angústia e aos desenganos, levou ela a cabo uma autêntica revolução.

Florence Nightingale viveu mais de 50 anos após o seu regresso da Criméia. Mas o rosário de provações lhe havia minado a saúde. Adoecia com freqüência e ficou de cama durante anos. Apesar disso, ainda conseguiu desenvolver uma atividade prodigiosa.

Com as 45 mil libras do Fundo Nightingale, inaugurou uma Escola de Treinamento para Enfermeiras. Em harmonia com as características da sua personalidade, exigia-se ali um nível de eficiência extraordinà-



Não seja do
"contra"!

Faça o regime

ENO

"Sal de Fructa"

ENO

Laxante e antiácido

ao deitar e

ao levantar

para garantir o seu

bom humor diário!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

riamente elevado. As enfermeiras formadas por essa escola passaram, dentro em breve, a ser muito procuradas.

Milhares de exemplares do seu opúsculo *Notas sôbre Enfermagem*—depois traduzido para o francês, alemão e italiano—foram distribuídos nas fábricas, aldeias e escolas. As suas *Notas sôbre Hospitais* alcançaram três edições sucessivas.

O que mais a preocupava, entretanto, era a situação do soldado britânico sob um sistema que ceifava vidas em tempos de paz tanto quanto as havia ceifado durante a guerra. «Nossos soldados alistam-se para morrer no quartel», escreveu ela, citando dados pelos quais se demonstrava que a mortalidade no exército, em tempos de paz, era o dôbro da que se verificava com a população civil.

A redenção do soldado raso britânico importava na gigantesca tarefa de reformar a administração sanitária do exército. Dificuldades especiais se antepunham, nesse terreno, aos objetivos de Florence Nightingale. Em primeiro lugar, tratava-se de uma iniciativa feminina, o que era mau. E depois ela era uma heroína popular, coisa ainda pior. As duas razões formavam uma pílula que o oficialismo jamais deveria engolir.

Munindo-se de inesgotável paciência, resolveu retirar-se da cena a fim de tentar, por meios indiretos, conquistar as autoridades para a sua causa. Nunca mais se apresentou em

FLORENCE NIGHTINGALE

público, nunca mais fêz declarações à imprensa. Dentro de pouco tempo, todos a julgavam morta. Em obediência ao seu plano de ação, lançou-se à tarefa de destruir sistematicamente a fama que havia conquistado.

Atuando nos bastidores, conseguiu que fôsse nomeada uma comissão real incumbida de investigar a administração do Departamento Médico do Exército. As instruções oficiais eram redigidas pela própria Florence Nightingale e aceitas sem qualquer modificação.

No entanto, apesar de Florence Nightingale possuir vários elementos bem situados no Ministério da Guerra, não havia meio de se concretizarem as reformas propostas. A inércia era grande e poderosa a obstrução burocrática. Por fim convenceu-se de que o próprio ministério deveria ser reformado, dedicando-se à consecução dêsse objetivo com uma tenacidade que chegava ao desespero.

A sua capacidade de trabalho era espantosa, como se pode aferir pelo volume dos documentos examinados, dos relatórios analisados e das cartas que foram escritas. Exigindo o máximo de si mesma, numa atividade incessante, agia da mesma maneira com relação aos outros.

Nos seus últimos dias de vida pública, Sidney Herbert, novamente Ministro da Guerra, viu agravar-se a afecção renal de que sofria. Os médicos recomendaram-lhe repouso absoluto, como única esperança de

Evita infecção



★
Contém poderoso
antisséptico

Uma simples contusão na testa, um corte, uma espinha, podem provocar uma grave infecção. Proteja-se com a Atadura Adesiva Band-Aid, o curativo pronto para aplicar. Tenha Band-Aid sempre a mão.



salvação. Recusando-se obstinadamente a reconhecer que o pobre homem se achava às portas da morte, Florence Nightingale concitava-o a prosseguir na luta, sem trégua ou esmorecimento. Quando, por fim, dois meses antes da sua morte, Herbert lhe escreveu anunciando que iria recolher-se à vida privada, ela respondeu com uma carta amarga e cruel. Êle a havia abandonado. A sua obra estava condenada ao fracasso.

Convencida de que qualquer transigência poderia ter conseqüências fatais, Florence Nightingale não se permitia um minuto de descanso. Tudo teria de obedecer ao seu ideal de perfeição; se fôsse um pouco inferior, não valia nada.

Durante os anos em que Herbert se conservou à frente do Ministério da Guerra, Florence Nightingale desempenhou virtualmente, naquela pasta, as funções de administradora. Após a morte do amigo, só lhe restava, como consultora, a possibilidade de mover uma «luta de guerrilhas, árdua e improfícua». Mas, como consultora, a sua influência foi extraordinária.

Florence Nightingale passou a opinar, ano após ano, sôbre todos os problemas relacionados com as condições de saúde do Exército Britânico—ela que além de mulher era uma doente que nunca saía de casa, obrigada a ficar de cama durante meses a fio. Profundamente familiarizada com a história dos ministérios, conhecia os pormenores de

tôdas as medidas adotadas naqueles últimos anos. Ministros e subsecretários consultavam-na diàriamente.

O seu pendor para a administração financeira era excepcional. Foi ela a ideadora de um sistema de escrituração de custo destinado aos Serviços Médicos do Exército e ainda em uso 80 anos depois. Em 1947, os membros da Comissão Especial de Estimativas declararam que aquêl sistema funcionava admiravelmente, enquanto noutros departamentos do govêrno métodos implantados nos últimos 20 anos já se achavam fora de uso. Ao perguntarem quem tinha sido o seu criador, ouviram em resposta o nome de Florence Nightingale.

Ê certo que a vida a havia tratado, até então, com inclemência, mas valeu a pena esperar pelas compensações que lhe estavam reservadas. Embora perdesse a vista, nos últimos anos, poucos sêres humanos terão fruído uma velhice mais plena e feliz. Ela era tratada com uma deferência quase religiosa. Reis, princesas e estadistas esperavam, à sua porta, a hora de serem recebidos. As suas opiniões eram acatadas com o respeito devido a um oráculo.

Florence Nightingale faleceu no dia 13 de agôsto de 1910. No seu testamento, estipulou que não desejava «monumento fúnebre de espécie alguma» e que suas exéquias deveriam realizar-se «sem qualquer aparato». Em obediência à sua última vontade, foi recusada a oferta de funerais nacionais e sepultamento

na Abadia de Westminster. Seu caixão foi carregado por seis sargentos do Exército Britânico. Existe apenas uma breve inscrição no jazigo da família: «F. N. Nascida em 1820. Falecida em 1910.»



Cruzada em prol da Liberdade

HÁ POUCO MAIS de um ano, uma estação radiofônica que se intitulava Rádio Europa Livre começou a funcionar na Alemanha. Dirigida para os países satélites da Rússia, o seu programa de ação era bastante simples—combater o comunismo. Hoje a REL é uma das mais poderosas armas de propaganda de que dispõem os Estados Unidos. Duas estações, uma em Munique e outra perto de Francforte, irradiam para seis nações por trás da Cortina de Ferro. Durante 11 horas e meia do dia a Rádio Europa Livre proporciona notícias, informações e conselhos práticos aos que vivem sob o regime da mentira.

A Rádio Europa Livre está em condições de falar o que bem entender e atacar à vontade por se tratar de uma organização particular, sem qualquer controle do governo. Deve a sua existência aos milhões de norte-americanos que a mantêm por intermédio da Cruzada em Prol da Liberdade. Em setembro próximo passado, a Cruzada, sob a direção do General Lucius D. Clay, tão famoso pela sua ponte aérea durante o bloqueio de Berlim, iniciou uma campanha visando recrutar 25 milhões de novos membros e arrecadar fundos para manter a Rádio Europa Livre no ar. O objetivo da campanha é não só dar prosseguimento às atuais operações como conseguir a instalação de novos transmissores—novos veículos da verdade. Referindo-se à Rádio Europa Livre, o General Eisenhower declarou estar certo de que a Grande Mentira do comunismo pode ser destruída pela Grande Verdade.

As contribuições destinadas a manter a Rádio Europa Livre em funcionamento poderão ser remetidas para: Crusade for Freedom, Empire State Building, New York 1, N. Y., Estados Unidos da América.